

Cruel precedente de Trump sobre refugiados

Donald Trump vai ferrar com todos. Hoje não vou pedir desculpa pelas palavras obscenas. Só estou a citando o homem que usou os oficiais do Pentágono para se cobrir de opróbrio... ele e os Estados Unidos. Porque foi o Secretário de Defesa de hoje, James Mattis, apelidado de “Cão Raivoso”, que disse aos iraquianos em 2003 que ele estava em paz – ele até pediu que seus fuzileiros fossem compassivos – mas advertiu aqueles que ousaram se opor à invasão ilegal de seu país: “Se vocês me foderem, vou matar todos vocês”.

Não tem como virar a página. Deve ser chamado de nazi, fascista, racista, perverso, antiliberal, imoral, cruel. A coisa mais perigosa é o que Trump fez estabelece um mau precedente. Se puderem ser impedidos de chegar ao seu país, também podem ser expulsos do mesmo. Se você pode exigir um veto extremo de muçulmanos de sete nações, você também pode exigir um teste de valores para muçulmanos já dentro do país. Aqueles que têm vistos. Aqueles que só têm residência. Aqueles que, se forem cidadãos americanos, têm dupla cidadania. Ou cidadãos americanos de origem muçulmana. Ou cidadãos americanos de nascimento que são muçulmanos. Ou hispânico. Ou judeu? Refugiados num dia, cidadãos no outro, e depois refugiados novamente.

Não, claro que não: Trump nunca sujeitaria imigrantes judeus a tais testes obscenos – porque eles seriam obscenos, não o seriam – nem prenderia cristãos de países muçulmanos. Os Estados Unidos sempre condenaram estados sectários, mas Trump agora declara que aprova o sectarismo. As minorias serão bem-vindas, mas os alawitas na Síria, a quem Bashar al-Assad pertence, presumivelmente não contariam, e suponho que podemos esperar que todas as embaixadas dos EUA tenham três fileiras de requerentes de visto: um para muçulmanos, um para cristãos

e mais um mercado como “Outro”. É onde a maioria de nós estaríamos. E ao fazê-lo, aprovaremos automaticamente este sistema iníquo... e Trump.

Não vale a pena perder tempo com o óbvio: que os Estados Unidos bombardearam, direta ou indiretamente, cinco das sete nações na lista de veto de Trump. Só o Sudão é salvo, mas os americanos voaram com um avião comercial iraniano cheio de passageiros em 1988 e não se opuseram ao bombardeamento israelense de pessoal iraniano na Síria. Isso eleva o total para seis países.

Nada se ganha em reiterar que os quatro países cujos cidadãos participaram nos crimes internacionais contra a humanidade do 11 de Setembro – Arábia Saudita, Egito, Emiratos Árabes Unidos e Líbano – não constam da lista. Porque os sauditas têm de ser amados, mimados, lisonjeados e aprovados, mesmo que cortem cabeças e os seus cidadãos enviem dinheiro para os assassinos das ÍSIS. O Egito é governado pelo presidente Al Sisi, “homem fantástico” e “antiterrorista”, segundo Trump. Os brilhantes e ricos Emirados não serão tocados. Nem o Líbano, embora as suas dezenas de milhares de cidadãos sírios tenham dificuldades no futuro.

Mas não, esta vil peça de legislação não é dirigida às nações. Tem como alvo os refugiados, os pobres, as massas apinhadas que anseiam por respirar livremente. Isto é, muçulmanos, não cristãos. Como podem aguentar um teste de valores? E, já agora, quais são os valores dos Estados Unidos? Não há problema em atacar estados soberanos. Não há problema em usar veículos aéreos não tripulados para atacar homens e mulheres em outros países. Está tudo bem que seus aliados despojem outros de suas terras para seu próprio povo, ou para apoiar as ditaduras árabes que castram, executam e estupram seus prisioneiros enquanto forem aliados dos EUA. Não há problema em conceder vistos rápidos aos sauditas – como a Grã-Bretanha faz há anos – mesmo que sejam membros do culto wahhabi mais inspirador do mundo, que inclui entre os seus militantes os

talibãs, a Al Qaeda, Isis e aqueles que dizes e comandas. Nem é para nos gabarmos da nossa própria participação nesta charada. Depois de dar palmadinhas na cabeça dos assassinos governos do Golfo – e de voar para fazer o mesmo com o chefe autocrata da Turquia – o nosso pequeno Primeiro-Ministro, recém-chegado de Washington, não disse uma palavra sobre a perversidade de Trump. Não foi a Grã-Bretanha – juntamente com os Estados Unidos, faça-me um favor – que derramou lágrimas copiosas pelos 250.000 (ou 90.000) refugiados muçulmanos de East Aleppo há alguns meses? E agora, tanto que nos preocupamos que eles estejam a ser fodidos muito bem.

A propósito, quase todo o leste de Alepo era muçulmano. Os cristãos na Síria buscaram a proteção de Bashar e não foi culpa deles. E que mensagem os sacerdotes cristãos no norte da Síria deram quando eu os entrevistei? Eles não querem que o seu povo emigre para o Ocidente. Por mais difícil que seja, os cristãos devem permanecer nas terras de sua fé, no Oriente Médio. No Ocidente, eles estariam simplesmente perdidos num mundo secular. O Trump vai certificar-se disso.

Portanto, a partir de agora, a América vai se proteger dos extremistas radicais islâmicos – sejam eles islâmicos, não islâmicos – e todos nós poderemos segui-lo. Será que a Grã-Bretanha, fora da UE, não poderá seguir a mesma via odiosa? Se a América é a nossa salvação econômica, não será também a salvação moral dos palhaços políticos britânicos? Claro que já passou muito tempo desde a Segunda Guerra Mundial. Mas então, o que fazia a América antes – ou depois – do mal de Hitler? Impediu que os refugiados judeus chegassem ao seu país. Sim, até a Anne Frank. E agora a história se repete.

Original: [The Independent](#)